

O Positivismo

Aspirantes: Luiz Mário Gomes de Almeida Júnior, Alexandre Lopes de Abreu, Rogério Soares de Sousa, Fabiano Malafaia Macedo, Rafael Rocha Soares.

Introdução



Auguste Comte

O positivismo é uma filosofia epistemológica que tem como seu principal fundador Auguste Comte, sob inspiração de Clotilde de Vaux. Foi depois da morte de Clotilde que, diz Comte, ele obteve forças para iniciar e acabar a segunda parte de sua obra e lhe fez ver a importância social dos sentimentos sobre a teoria e a práxis. Proclamou em 1847 a fundação da religião da Humanidade.

As obras capitais, em que Comte desenvolve o seu pensamento, são *Curso de Filosofia Positiva*, em seis volumes (1830-1842), *Discurso Preliminar sobre o espírito positivo* (1844) e *Sistema de política positiva ou tratado de sociologia instituindo a religião da humanidade*, em 4 volumes.

Enquanto nas duas primeiras obras Comte estabelece a coordenação científica de sua filosofia, com o objetivo de “descobrir e demonstrar as leis do progresso”, no Sistema ele desenvolve e tira as consequências das leis sociais estabelecidas no Curso e no Discurso, e erige o sistema político-religioso destinado a reformar a sociedade.

O conjunto de suas concepções filosóficas é produto direto de sua época. Auguste Comte procurou acabar com as eternas investigações sobre o incognoscível, e, voltando-se para o mundo real, criou nele seu mais vasto campo de estudo e de observação para restabelecer e realizar um programa universal, que regulamentasse e regenerasse a vida humana, tanto privada como pública.

Influenciado pelo progresso das ciências, Comte concebeu para a filosofia um novo papel, ao mesmo tempo que um novo objeto, a par de uma ampla crítica do conhecimento, diversas das concepções dominantes até ele, quer fosse o ontologismo de Aristóteles, ou dos pensadores medievais, ou o racionalismo dos modernos, de todos os sistemas, enfim, que davam como possível o conhecimento do absoluto pela razão humana.

Doutrinava, assim, que o que é possível conhecer são unicamente os fenômenos e as suas relações, não a sua essência, as suas causas íntimas, quer eficientes quer finais. Estas permanecem impenetráveis, desconhecidas, pois é impossível alcançar noções absolutas. Também, toda a atividade filosófica e científica deve efetuar-se somente no quadro da análise dos fatos verificados pela experiência. O domínio das coisas em si é inacessível ao espírito humano, que deve renunciar a todo a priori, limitando-se a formular leis e relações entre os fenômenos observados.

Toda sua obra é, portanto, uma síntese geral dos conhecimentos de seu tempo, cujo programa fundamental era unificar as duas culturas – a humanística e a científica – num novo humanismo, fundado na ciência; uma ciência capaz de redescobrir e reavaliar a exigência humana, conferindo-lhe um significado de valor universal.

Humanidade, ciência, síntese e fé constituem a essência do pensamento comteano.

Daí a força atrativa do positivismo que ainda perdura como concepção filosófica, especialmente no que diz respeito à crítica do conhecimento.

Origem

Doutrina filosófica surgida durante a segunda metade do século XIX, que teve como seu principal teórico e divulgador Auguste Comte. O termo *positivismo* foi utilizado em um texto filosófico, pela primeira vez, por Saint-Simon, como substantivo que procurava indicar o *verdadeiro espírito científico*. O adjetivo *positivo* pode ser compreendido de diversas maneiras: como real, evidente, não admitindo dúvidas; como aquilo que se opõe à natureza, bem como à necessidade; como aquilo que se manifesta na experiência, ao contrário do que provém de teorias ou fabulações; neste último sentido, o *positivo* dos fatos opõe-se ao *negativo* do que não se apresenta como fenômeno. Auguste Comte utiliza-se deste termo em sua pluralidade significativa para afirmar a modalidade de pensamento calcada nos moldes da investigação científica, que experimentou, neste período, um grande desenvolvimento.

O positivismo surgiu no século XIX em meio não só do triunfo do liberalismo europeu, ligado ao direito natural, que considera a natureza humana como base da própria lei natural, cuja única realidade é a liberdade do homem, mas também marca o triunfo

do cientificismo, que reconhece uma só natureza material, que engloba e explica o mundo dos valores e o mundo dos fatos.

Tenta o positivismo encontrar um equilíbrio em sua postura perante a ciência, disciplinando os estados de espírito existentes na época em uma severidade crítica para assentar um sistema de noções sobre o homem e as sociedades. E, assim, recriar os fundamentos de um empirismo experimentalista no estilo de Bacon e Galileu, aceitando o ceticismo deste, apenas para as realidades metafísicas e teológicas.

As fontes mais diretas utilizadas por Auguste Comte para estabelecer as bases de sua filosofia foram as doutrinas sociais de Saint-Simon, combinadas com os trabalhos de ideólogos, notadamente de Cabanis e dos naturalistas Gall, Bichat e Broussais. O método de investigação para a determinação dos fatos e suas relações, ele foi buscar nos filósofos ingleses: Bacon, Hume e outros. Propondo que os fatos só são conhecidos pela experiência, e que a única válida é a dos sentidos, Comte prossegue a tradição sensualista que vinha desde Leucipo, Demócrito e Epicuro, passando por Locke e Condillac, modificada por Taine.

A sua filosofia positiva seria uma espécie de instrumento que a humanidade necessitava obter em sua totalidade, de modo a sair de uma crise revolucionária que atravessava. As revoluções Francesa e Americana, e as guerras napoleônicas e liberais são exemplos de um período de profunda crise social. E o autor consciente dessa situação, até porque ele é contemporâneo desses acontecimentos, (viveu entre 1798 e 1857), propôs o positivismo como única solução para sair desta situação e restabelecer a ordem social.

Principal abordagem

Seu método de trabalho é o estudo genético indutivo, ou seja, observação dos fatos, adivinhando-

lhes por indução das leis da coexistência e da sucessão, e deduzindo dessas leis, por via da consequência e da correlação, fatos novos que escaparam da observação direta, mas que a experiência verificou.

Este método é o método geral de raciocínio proveniente do concurso de todos os métodos particulares (dedução, indução, observação, experiência, nomenclatura, comparação, analogia, filiação histórica) que constitui, segundo Comte, o método objetivo. Mas Comte usa também o que ele chama de método subjetivo, que resulta da combinação lógica dos sentimentos, das imagens e dos sinais.

Para fundamentar sua corrente filosófica antimetafísica, Auguste Comte, embasado nesse método, parte da premissa de que é no estado positivo que o espírito humano reconhece a impossibilidade de obter noções absolutas. Assim, renuncia a indagar a origem e o destino do universo e a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para se consagrar unicamente a descobrir, pelo uso combinado do raciocínio e da observação, as suas leis efetivas, isto é, as suas relações invariáveis de sucessão e de semelhança.

Segundo o caráter da doutrina positivista, é indispensável ter, de início, uma visão geral sobre a marcha progressiva do espírito humano, considerado em seu conjunto, pois uma concepção qualquer só pode ser bem conhecida por sua história (evolução natural).

Estudando, assim, o desenvolvimento total da inteligência humana em suas diversas esferas de atividade, desde seu primeiro vôo mais simples, descobre-se uma grande lei fundamental, a que se sujeita por uma necessidade invariável, e que parece poder ser solidamente estabelecida, quer na base de provas racionais fornecidas pelo conhecimento de sua organização, quer na base de verificações históricas resultantes de um exame atento do passado. Essa lei consiste em que cada uma das concepções principais, cada



A Igreja Positivista do Brasil



1ª Capela da Humanidade de Paris



Lema do positivismo

ramo de conhecimentos, passa sucessivamente por três estados históricos diferentes: estado teológico ou fictício, estado metafísico ou abstrato, estado científico ou positivo. Em outros termos, o espírito humano, por sua natureza, emprega sucessivamente, em cada uma de suas investigações, três métodos de filosofar, cujo caráter é diferente e mesmo radicalmente oposto: primeiro, o método teológico, em seguida o método metafísico, finalmente o método positivo. Daí três sortes de filosofia, a Lei dos Três Estados, ou de sistemas gerais de concepções sobre o conjunto de fenômenos, que se excluem mutuamente: a primeira é o ponto de partida necessário da inteligência humana; a segunda, unicamente destinada a servir de transição; a terceira, seu estado fixo e definitivo.

No estado teológico, o espírito humano, dirigindo suas investigações para a natureza íntima dos seres, as causas primeiras e finais de todos os efeitos que o tocam, numa palavra, para os conhecimentos absolutos, apresentam os fenômenos como produzidos pela ação direta e contínua de agente Sobrenaturais mais ou menos numerosos, cuja intervenção arbitrária explica todas as anomalias do Universo.

No estado metafísico, que no fundo nada mais é do que simples modificação geral do primeiro, os agentes sobrenaturais são substituídos por forças abstratas, verdadeiras entidades (abstrações personificadas) inerentes aos diversos seres do mundo, e concebidas como capazes de engendrar por elas próprias todos os fenômenos observados, cuja explicação consiste, então, em determinar para cada um uma entidade correspondente.

Enfim, no estado positivo, o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do Universo, a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e similitude. A explicação dos fatos, reduzida então a seus termos reais, se resume de agora em diante na ligação estabelecida entre os diversos fenômenos particulares e alguns fatos gerais, cujo número o progresso da ciência tende cada vez mais a diminuir.

O sistema teológico chegou à mais alta perfeição de que é suscetível quando substituiu pela ação providencial de um ser único, o jogo variado de numerosas divindades independentes, que primitivamente tinham sido imaginadas. Do mesmo modo, o último termo do sistema metafísico consiste em conceber, em lugar de diferentes entidades particulares, uma única

grande entidade real, a natureza, considerada como fonte exclusiva de todos os fenômenos. Paralelamente, a perfeição do sistema positivo à qual este tende sem cessar, apesar de ser muito provável que nunca deva atingi-la, seria poder representar todos os diversos fenômenos observáveis como casos particulares dum único fato geral, como a gravitação o exemplifica.

O Estado Positivo é, pois, o termo fixo e definitivo em que o espírito humano descansa e encontra a ciência. As sociedades evoluem segundo essa lei, e os indivíduos, em outro plano, também realizam a mesma evolução.

Partindo do princípio de que o objeto da ciência é só o positivo, isto é, o que pode estar sujeito ao método da observação e da experimentação, Auguste Comte só reconhece as ciências experimentais ou positivas, que tratam dos fatos e das suas leis. Distingue, assim, as ciências abstratas das concretas. Este assunto, porém, apesar de estar incluído na forma de abordagem do positivismo, foi decidido pelo grupo que estaria representado melhor na parte do trabalho *O que é ciência*. Além disso, o enciclopedismo de Comte também foi incluído neste item, apesar de também fazer parte de uma abordagem importante sobre o tema.

Com relação à política, a filosofia positivista não reconhece nenhum direito além do de cumprir o dever, e, assim, nega categoricamente a existência do direito como tal.

Segundo Comte, a noção de direito deveria desaparecer no domínio político, como a noção de causa do domínio filosófico, porque ambas se referem a vontades indiscutíveis. Ele entende que o positivismo não admite senão deveres de todos para com todos; pois que seu ponto de vista, sempre social, não pode comportar nenhuma noção de direito, constantemente fundada na individualidade.

O homem como individualidade não existe, portanto, na sociedade científica, senão como membro de outros grupos, desde o familiar – unidade básica por excelência – até o político.

Também aí não há lugar para a liberdade de consciência. A consciência, para Comte, não determina sozinha o modo de existência prática, como não bastam as condições materiais da vida para definir a consciência.

E a própria soberania popular é um termo vazio de sentido em sua política positiva, onde a ditadura se exercita num despotismo espiritual e temporal, pois adota o princípio da força como fundamento do governo.

Mas, o que realmente caracteriza a política de Auguste Comte é a sua preocupação de se orientar pela moral, que nasce da fraternidade universal. Assim, em última instância, o que decide se uma resolução e/ou decisão deve ser tomada para o bem público é saber se ela está de acordo com essa moral.

A teoria positivista sobre a política encontra-se também desenvolvida na parte do trabalho que diz respeito à *História do positivismo no Brasil*.

A história do positivismo no Brasil

No século XIX, o mundo intelectual brasileiro, com expressões secundárias, ainda limitava-se a cópias dos romances franceses e à imitação dos poetas europeus, compensada muitas vezes por inspirações locais. Na política, os mais entendidos entre os monarquistas, eram aqueles que citavam a Inglaterra como o país modelo do sistema representativo; entre os republicanos, aqueles que se extasiavam diante da democracia dos Estados Unidos.

As inspirações da filosofia comteana puderam ser percebidas no Brasil desde 1850, quando Manoel Joaquim Pereira de Sá apresentou tese de doutorado em ciências físicas e naturais, na Escola Militar do Rio de Janeiro. Também, a tese de Joaquim Pedro Manso Sayão sobre corpos flutuantes e a de Manuel Pinto Peixoto sobre os princípios do cálculo diferencial.

A primeira adesão pública de um brasileiro ao positivismo de que se tem notícia, apareceu em uma brochura sobre a reforma do elemento servil, publicada em 1865 pelo Dr. Francisco Antonio Brandão, da província do Maranhão ("A Escravatura no Brasil", precedida de um artigo sobre a agricultura e colonização do Maranhão por F. A. Brandão, doutorando em ciências naturais pela Universidade de Bruxelas. Anteriormente, o Sr. Muniz Barreto de Aragão publicara na Bahia uma aritmética precedida de uma introdução filosófica, em que se expunha a hierarquia científica de Comte).

Durante muitos anos o Positivismo só foi conhecido por alguns professores de matemática, que utilizavam nos seus cursos as vistas filosóficas sobre esta ciência, distinguindo-se entre eles o Sr. Benjamin Constant, que sem cessar recomendava aos seus alunos a leitura da Geometria Analítica e da parte matemática do 1º volume do Curso de Filosofia Positiva. Declarando aceitar a totalidade do sistema de Auguste Comte, este professor excluía, contudo, de seu ensino as referências às concepções da Política Positiva e às do 1º volume da Síntese Subjetiva, sendo que isso acabou fazendo com que alguns de seus discípulos se-



Júlio de Castilhos e a Constituição do Rio Grande do Sul

guissem o positivismo de Emilio Littré.

Em 1874, o Dr. Luiz Pereira Barreto que havia feito os seus estudos médicos na Europa, aonde se iniciara na nova síntese, publicou, de volta ao Brasil, o 1º volume de uma obra intitulada *As Três Filosofias*. Esta publicação passou quase tão despercebida como a primeira, diante de um público mal preparado e que até a existência do Positivismo ignorava.

Por outro lado, a ação dos professores acima indicados, além de ficar circunscrita aos limites de um auditório resumido, só podia exercer-se sobre a mocidade das escolas de matemática superior. E foi daí, com efeito, que surgiram os primeiros apóstolos da nova doutrina.

Sob o influxo dessas recomendações, alguns moços da Escola Politécnica do Rio de Janeiro encetaram a leitura do Curso de Filosofia Positiva. Preocupados sobretudo da reação política da ciência, fartaram aí o ardor cívico que em vão procuravam cevar em declamações revolucionárias. Republicanos sinceros entreviram nos postulados desta doutrina as bases de uma política racional e pressentiram, em sua coordenação filosófica, o conagraçamento definitivo da ordem com o progresso. Com o ímpeto peculiar à juventude, começaram desde então uma ativa propaganda que teve imensa influência sobre os seus colegas e que anunciou ao público brasileiro, de um modo definitivo o advento da filosofia positiva (Entre os esforços deste período também cumpre lembrar uma tradução da "Geometria Analítica" de Comte, empreendida por

Miguel Lemos e o Sr. R. Teixeira Mendes, cuja publicação ficou interrompida depois do primeiro fascículo, por falta de recursos materiais; as poesias do Sr. J. E. Teixeira de Souza que revelavam uma nova fonte de inspiração; e, finalmente, algumas tentativas matemáticas do Sr. Teixeira Mendes).

Como já foi dito anteriormente, alguns iniciantes nesta linha filosófica acabaram sendo expostos ao positivismo de Emilio Littré. Assim sendo, acreditaram eles também que uma decadência mental havia se apoderado de Comte ao terminar a elaboração dos seis volumes da filosofia Positiva e que o cérebro, obcecado pelas sombras de uma concentração mística, só produzira desde o incêndio de uma paixão fatal, frutos mirrados e secos.

Houve, então, no Brasil, dois grupos positivistas, espontaneamente formados; um, ativo, ardente, que escrevia, falava e agia sobre a mocidade das escolas – era o grupo littréista; o outro, que ficava de parte, isolado, limitando-se apenas a recomendar a filosofia de Auguste Comte, sem nenhuma preocupação política ou social – era o grupo dos que aceitavam ou diziam aceitar, sem discrepância essencial, a totalidade da obra do Mestre.

A agitação provocada no espírito público pelos que constituíam o primeiro grupo estimulou, como era natural, os mais ardentes do último. O Sr. Oliveira Guimarães, professor de matemática, que pertencia ao número destes, procurou os principais dos dois grupos e propôs-lhes uma fusão mediante o adiamento, por comum acordo, das mútuas dissidências. Esta proposta foi aceita e assim nasceu a primeira associação positiva no Brasil, no dia 1º de abril de 1876, e da qual foram sócios fundadores os Srs. Oliveira Guimarães, Benjamin Constant, Álvaro de Oliveira, Joaquim Ribeiro de Mendonça, Oscar de Araújo, R. Teixeira Mendes e Miguel Lemos. Sem nenhum caráter militante, esta associação devia limitar-se a fundar uma biblioteca composta das obras aconselhadas por Auguste Comte, a que se anexaria mais tarde alguns cursos científicos.

Neste ínterim, o Dr. Luiz Paulo P. Barreto publicava o segundo volume da sua obra “As Três Filosofias”, segunda parte: “Filosofia Metafísica”, e o Dr. Joaquim Ribeiro de Mendonça sustentava perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, uma tese de doutorado “Da nutrição” francamente positivista.

Ao mesmo tempo, os positivistas incompletos prosseguiram em sua cruzada; fundavam jornais, revistas, faziam conferências, desenvolvendo as vistas históricas de Comte e sua filosofia das ciências (citaremos como publicações periódicas “A Idéia”, revista mensal,

“A crença”, semanário e “O Rebate”, semanário também e “A crônica do Império”, folheto quinzenal). Surgiram adversários e ao ruído das polêmicas em que esses moços faziam retinir as novas armas, despertaram de todos os moços e os letrados, e à luz do novo clarão acendeu-se a chama do entusiasmo social. Pela primeira vez via-se um movimento intelectual que procurava abarcar a totalidade dos aspectos humanos.

Miguel Lemos, quando empossado na direção do Positivismo no Brasil, a fim de abarcar os confrades espalhados por vários estados do Brasil na nova organização, criou então a denominação de Centro Positivista Brasileiro ou Igreja Positivista brasileira, para designar a totalidade dos crentes nesta parte da América, reunidos sob a sua direção: eram os ortodoxos.

Assim organizada, a ação positivista tinha que atender a duas necessidades: formar crentes e modificar a opinião pública por uma intervenção oportuna e, para isso, cumpria desenvolver o culto, organizar o ensino e intervir oportunamente nos negócios públicos.

A doutrinação que Comte pretendia fosse dirigida ao proletariado europeu, no Brasil, voltou-se para a burguesia, desenvolvendo-se principalmente nas Escolas do Exército, gerando o que o Capitão Severino Sombra veio a chamar de “paisanização de nosso Exército”.

A educação dos espíritos seria o móvel para a organização da sociedade em nível positivo, instaurando-se então um regime de Ordem e Progresso. Surgiu então no Brasil um ideal de república similar à ditadura sociocrática positivista, uma filosofia política que parte do pressuposto de que a sociedade caminha necessariamente para uma estruturação racional ou científica. Tal polêmica era reforçada pela Igreja Positivista que publicava circulares anuais. Mas, o crédito da Proclamação da República deve-se mais aos chamados dissidentes, os heterodoxos, militares políticos, que, como Benjamin Constant, realizaram uma tarefa doutrinária.

Segundo os ortodoxos, “com relação ao movimento republicano que surgia na época, o Positivismo não poderia se abster por ser uma religião cívica. Inicialmente, as tendências progressistas do partido republicano e Quintino Bocaiúva, redator do jornal O globo, eram muito simpáticos aos membros da religião da Humanidade”. “Dentre os objetivos dos positivistas, destacavam-se: registro civil de nascimento, casamento civil, secularização dos cemitérios; de modo a preparar-se assim, subordinando sempre o progresso à ordem, a solução do problema capital da política moderna; a separação completa do poder espiritual do temporal”.

“Porém, após circular do redator do O Globo aos eleitores, mostrou-se as íntimas relações com certas empresas financeiras, as quais provavelmente o dominariam em sua política. O apoio foi retirado, após uma confirmação da visão política de Quintino através de uma carta enviada a ele contendo três questões capitais, como as instituições civis, abolição da escravatura e imigração chinesa”. (Esta visão foi retirada do livro de Miguel Lemos intitulado “O Resumo histórico do Positivismo no Brasil”, citado na bibliografia).

É fora de dúvida que o apogeu do positivismo se deu após a Proclamação da República. A essa época o Apostolado Positivista, que se achava separado por laços formais da ala positivista liderada por Benjamin Constant (então ministro da Guerra), reconciliava-se com este e passa a ter atuação marcante no estado político que estava nascendo.

Devem ser destacadas as medidas republicanas sob a influência do positivismo, quais sejam: a bandeira republicana com sua dística ORDEM E PROGRESSO, a separação da Igreja do Estado, o decreto dos feriados e o casamento civil. Por ocasião da formação da Assembléia Constituinte reunida em 1890, alcançaram reformas, como: liberdades religiosa e profissional, proibição do anonimato na imprensa e abolição de medidas anticlericais e, mais tarde com a reforma educacional de Benjamin Constant, alcançaram um elemento precioso para a divulgação e expansão das idéias positivistas.

Também não podemos ignorar que, rapidamente, o entusiasmo com as idéias positivistas diminuiu, pois a propaganda em favor da República Ditatorial de inspiração comteana não agradava aos políticos liberais de tradição monarquista que se apoderara a jovem República e que se constituem em oposição aos políticos positivistas. Entretanto, em 1893, no Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos procura concretizar as suas idéias positivistas e a terra dos gaúchos é o núcleo de onde se irradia essa doutrina como uma corrente política que vem a se tornar dominante no país.

O comtismo serve então de fundamentação doutrinária a uma facção política conservadora e antidemocrática, que durante 40 anos dominou o Rio Grande do Sul. Os pontos básicos positivistas adotados evidenciam-se na Constituição Estadual do Rio Grande do Sul de 1891, inspirando-se no Sistema de Política Positiva de Comte e sustenta: combate à democracia e ao voto popular; centralização do poder nas mãos do Chefe do Executivo, inclusive as tarefas legislativas, como elaboração das leis, sendo a assembléia política responsável pela votação dos orçamen-

tos; continuidade administrativa garantida pela reeleição do governante; e incorporação do proletariado e das forças econômicas ao Estado.

Concluindo o que foi dito, observamos que o positivismo remodelava, realmente, a estrutura colonial, modernizando o pensamento brasileiro e contribuindo para uma nova concepção de valores.

Deste modo, conjugando o comtismo ortodoxo e o positivismo dissidente de Littré, os nossos pensadores políticos, impregnados desse espírito positivo, caminham no sentido de uma consciência crítica, numa tentativa de concretização de suas idéias políticas, que refletem a observação direta do modo de ser de sua sociedade.

Conforme a visão do grupo, de um lado, as idéias novas se apresentaram como um instrumento para a renovação do sistema, dando esteio aos intelectuais para construir a ideologia republicana, numa tentativa de influir sobre a atividade geral do grupo dominante, proporcionando-lhe homogeneidade e consciência de si mesmo e de sua função nos planos econômicos, político, social e cultural. Por outro lado, essas idéias em nada contribuíram para o progresso que pregavam devido não só à falta de respaldo popular, como ao enfeudamento cada vez mais estreito da oligarquia cafeeira que, reforçada em seu prestígio e poder, iria manter um sistema político-institucional de dominação sócio-econômica das classes e grupos restantes. É bom notar, contudo, que as preocupações sociais de Comte impregnaram, direta ou indiretamente, a atuação administrativa de Getúlio Vargas, correligionário do positivista riograndense Júlio de Castilhos. A legislação trabalhista, por exemplo, principal preocupação do governo Vargas, foi o desenvolvimento da idéia contida no artigo 74 da Constituição positivista do Rio Grande do Sul, elaborada por Júlio de Castilhos, e que tem conexão com as medidas propostas por Benjamin Constant e Teixeira Mendes. Por outro lado, a influência do comtismo no Exército passaria a entrar em declínio depois de 1930, com a reforma introduzida no ensino militar, com a Escola transferida para Agulhas Negras, embora o nome de Benjamin Constant continuasse no “Almanaque do Exército” como se fosse ainda vivo, como general em comando e fundador da República.

Segundo o CMG (RM1) Júlio, durante a aula proferida em 10 de setembro de 2003, destacou que no ensino da Escola Naval ainda é utilizada a idéia positivista de que as ciências exatas é que são fundamentais, principais e difíceis, como a Matemática e a Física.

O Positivismo no século XXO Positivismo no século XX

No século XX, assistimos a um renascimento do positivismo, especialmente sob a inspiração da filosofia de Mach. O *neopositivismo*, ou *positivismo lógico* representa a crítica às proposições metafísicas, com a afirmação de uma filosofia em conformidade com o saber científico; contudo, este pensamento incorpora a lógica e a nova matemática como fundamentais para a elaboração deste novo discurso filosófico. Os principais representantes desta doutrina são os pensadores ligados ao Círculo de Viena.

Uma outra modalidade de positivismo é igualmente encontrada no século XX, e denominado positivismo *terapêutico*. Seus principais representantes são Wittgenstein e alguns de seus discípulos, como Wisdom e Malcolm. Esta corrente pretende um retorno à linguagem cotidiana, reduzindo as operações de pensamento a uma série de proposições e operações clarificadoras; este procedimento visa depurar as *confusões lingüísticas*, nas quais se fundam os problemas filosóficos, fazendo aparecer os *preconceitos lingüísticos* que lhe servem de base.

No Brasil, ainda hoje existem igrejas positivistas. Essa concepção filosófica, que tanto influenciou o país, ainda encontra adeptos.

Conclusão

O objetivo do pensamento de Comte é promover uma reforma de toda a sociedade. Para isso, segundo a concepção comteana, é preciso proceder, em primeiro lugar, a uma reforma do saber e do próprio método de apreensão da realidade. Deste modo, Comte desenvolve uma filosofia da história, que procura explicar o processo de desenvolvimento da humanidade e apontar o conhecimento positivo como o ápice deste processo.

Segundo o grupo do trabalho, o positivismo é, portanto, uma filosofia determinista que professa, de um lado, o experimentalismo sistemático e, de outro, considera anticientífico todo o estudo das causas finais. Assim, admite que o espírito humano é capaz de atingir verdades positivas ou da ordem experimental, mas não resolve as questões metafísicas, não verificadas pela observação e pela experiência.

Como sistema filosófico, busca estabelecer a máxima unidade na explicação de todos os fenômenos universais, estudados sem preocupação alguma das noções metafísicas, consideradas inacessíveis, e pelo emprego exclusivo do método empírico, ou da verificação experimental.

Dessa forma, não se pronuncia, ao menos em teoria, não só acerca de qualquer substância cuja existência não possa ser submetida à experiência, como também sobre as causas íntimas e as origens últimas das coisas, nem a respeito de sua finalidade. Donde se conclui que o método positivo não assinala à ciência mais do que o estudo dos fatos e suas relações, fatos esses somente percebidos pelos sentidos exteriores. Por isso, pode-se dizer que o positivismo é um dogmatismo físico e um ceticismo metafísico. É um dogmatismo físico, pois que afirma a objetividade do mundo físico; e é um ceticismo metafísico, porque não quer pronunciar-se acerca da existência da natureza dos objetivos metafísicos.

O grupo se pudesse resumir a filosofia epistemológica, o positivismo, a definiria assim: é *empírica*, porque a experiência humana era o árbitro (juiz) do conhecimento; *sociológica*, porque o estudo psicológico da subjetividade humana estava fora do estudo sociológico do fenômeno social, o qual precede e constitui a psique individual; *enciclopédica* (ou *naturalista*), porque todas as ciências, naturais e humanas, podem ser integradas em um sistema unificado de leis naturais; *científica*, porque o conhecimento tem valor prático e o crescimento da ciência ocorre para o benefício da humanidade; e *progressista* (ou *reformadora social*), porque as crises da civilização poderiam ser resolvidas, e a estabilidade social restaurada, ajustando os desejos humanos às leis da sociedade, estabelecidas cientificamente.

Enfim, pode ser caracterizada como "a religião do Amor, a religião da Ordem ou a religião do Progresso. O Amor procura a Ordem e leva ao Progresso; a Ordem consolida o Amor e dirige o Progresso; o progresso desenvolve a Ordem e conduz ao Amor, donde a sentença característica do Positivismo: O Amor por princípio, a Ordem por base e o progresso por fim".

Bibliografia:

- Comte, A., *Coleção Os Pensadores*, Abril Cultural, São Paulo, 1974.
 - Cruz Costa, J.: *Panorama da História da Filosofia no Brasil*, Ed. Cultrix, São Paulo, 1960.
 - <http://nossocurso.hypermart.net/evol/comte.htm>
 - Júnior, João Ribeiro, *O que é Positivismo*, editora Brasiliense, 1ª ed., São Paulo, 1982.
 - Lara, Tiago Adão, *O Republicanismo Autoritário no Brasil*, *Revista Brasileira de Filosofia*, vol. XXVI, Fasc. 103, São Paulo, 1973.
 - Lemos, Miguel. *Resumo Histórico do Momento Positivista no Brasil*, 1ª edição, Rio de Janeiro, 1981.
 - Torres, João Camilo de Oliveira, *O Positivismo no Brasil*, 2ª ed., Vozes, Petrópolis, RJ, 1957.
-